



ALBERTO DA VEIGA GUIGNARD

De Nereide Schilaro Santa Rosa

(Formada em Pedagogia, com aperfeiçoamento na Faculdade de Educação da USP, é autora premiada de livros infanto-juvenis.)

SUPLEMENTO DIDÁTICO

Elaborado por

Rosa lavelberg — Pós-graduada em Arte-educação pela Escola de Comunicações e Artes da USP. Trabalhou na elaboração dos PCNs de Arte e atualmente leciona no Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação da USP.

Luciana Arslan — Mestre em Artes Visuais, leciona no ensino fundamental e médio da Escola de Aplicação da USP e em cursos de capacitação de professores.

Professor

Neste suplemento você encontrará duas sugestões de projetos pedagógicos para desenvolver com alunos do ensino fundamental: a primeira é destinada a turmas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental; a segunda, a turmas a partir da 5ª série.

Cada um desses projetos tem como base o conteúdo do livro estudado. Para apoiar o trabalho do professor são aprofundadas questões sobre o movimento a que pertence o artista, além da contextualização de uma de suas obras.

Fica a critério do professor aproveitar as atividades para outros projetos, adaptando-as ao perfil de sua turma.

A Editora

POR QUE TRABALHAR COM GUIGNARD?

Guignard foi autor de um conjunto de obras bastante particular. Fez retratos de amigos, de personalidades e de pessoas comuns, pintou naturezas-mortas e criou muitas paisagens. Suas “paisagens imaginantes” merecem destaque: são vistas aéreas líricas, que demonstram o encanto que as cidades de Minas Gerais lhe causavam.

As obras de Guignard nos remetem a diferentes artistas, como Dufy, Van Gogh, Dalí e até Leonardo da Vinci, pois existe uma atemporalidade impressa na sua produção. Algumas de suas pinturas possuem um tratamento tão simplificado e expressam uma pureza tão grande que poderiam ser confundidas com pinturas ingênuas; outras possuem um refinamento, uma ousadia técnica que nos remetem a diferentes experiências de artistas modernos.

Guignard além de pintor foi professor de muitos artistas, entre eles os escultores Franz

Weissman e Amilcar de Castro e o pintor Iberê Camargo. Seus alunos desenvolviam pesquisas expressivas muito diferenciadas, o que demonstra que o mestre Guignard sabia formar sem impor o seu estilo pessoal.

Apesar de sua obra transmitir muita tranquilidade, não parece ser um retrato direto da sua biografia. Guignard teve uma vida conturbada: perdeu o pai quando criança e foi criado na Europa com a mãe e o padrasto. Não constituiu família, bebia demais, e por isso muitos de seus quadros foram usados para pagar suas despesas.

É possível desenvolver vários projetos a partir da obra de Guignard. O professor pode trabalhar a sua técnica pictórica, a sua temática da “paisagem imaginante”, ou então seguir pelo viés da cultura popular, dando ênfase às festas juninas e aos balões pintados por ele.



SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS DE 1ª A 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL: SOBREVOANDO A REGIÃO ONDE MORO

F Objetivo

A partir da leitura das paisagens de Guignard e de desenhos preparatórios, produzir paisagens imaginando uma vista aérea da região onde moram.

F Conteúdos gerais (com referência nos PCNs de Arte)

w Identificação dos significados expressivos e comunicativos das formas visuais.

w Contato sensível, reconhecimento e análise de formas visuais presentes na natureza e nas diversas culturas.

F Conteúdos do projeto

- w Representação do espaço.
- w Paisagens aéreas.
- w Vida e obra de Guignard.

F **Trabalho interdisciplinar:** Geografia.

ATIVIDADE PARA ANTES DA LEITURA

F Sensibilizando os alunos

Como Guignard trabalhou muitas paisagens “imaginárias”, que parecem ser uma representação de lugares vistos do céu, o professor pode começar apresentando a possibilidade de desenharem vistas aéreas.

Ao trabalhar com vistas aéreas, o professor poderá conduzir os alunos para a realização de um jogo de imaginação:

w Proponha que imaginem uma viagem de helicóptero da casa onde moram até a escola, observando quais os pontos de referência entre a escola e a casa do aluno, como são as casas, as árvores, a rua, as pessoas, quando vistas de cima.

w Na lousa, o professor pode organizar “um mapa pictórico” da paisagem onde está situada a escola. Cada aluno poderá desenhar o seu percurso casa—escola colocando todas as referências espaciais e arquitetônicas: praças, igrejas, padarias, casa do amigo, direções, ruas, etc.

w Com base nesse mapa, construído coletivamente a partir do ponto de referência da escola, os alunos podem desenhar individualmente uma “vista aérea” (a pintura *Paisagem*, página 5 do livro, pode ser observada). Nesse momento, o professor pode incentivar os alunos a fazer um desenho colorido, acrescentando o máximo de detalhes que conseguirem.

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

F Orientações para ler o livro em sala de aula

Ao trabalhar com alunos da primeira série, como o livro contém uma grande quantidade de texto, você pode sugerir que leiam em casa para depois fazer uma leitura em conjunto na sala de aula.

Logo após a leitura do livro, peça aos alunos que procurem as reproduções das “paisagens imaginantes”.

F Roteiro de apreciação da obra reproduzida no livro: Paisagem imaginante (página 22)

Promova um debate entre os alunos, sugerindo que se disponham em roda para discutir algumas das seguintes questões:

- w Como é esse lugar?
- w Como são as casas? Quais são suas características? Há portas, janelas?

w Podemos ver árvores, montanhas, nuvens?

w Vemos pessoas? O que elas estão fazendo?

w Que hora do dia parece ter sido representada?

w Como parece estar o tempo? Frio? Quente? Úmido?

w O que parece ter mais destaque?

w Quais são os lugares mais altos desta cidade? E os mais baixos?

w Como essa paisagem foi pintada? Partindo da observação, memória e/ou imaginação?

w Ela pode ser considerada uma vista aérea?

F Contextualização (veja quadro na página 7 deste suplemento)

F Produção

Ofereça aos alunos a oportunidade de desenvolver uma pintura a partir do desenho que eles fizeram na atividade antes da leitura: a vista aérea. Você pode sugerir que experimentem a tinta guache com consistência mais líquida e mais densa, se quiserem imitar os “escorridos” utilizados por Guignard.

F Avaliação

Organize uma exposição com os alunos. Vocês podem analisar os resultados discutindo a transformação que aconteceu entre o desenho e a pintura, como foi a utilização do espaço do papel, quais as sensações causadas pelas paisagens, quais delas mostram o céu, etc.

SUGESTÃO DE PROJETO PEDAGÓGICO PARA TURMAS A PARTIR DA 5ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL: LINHA DO HORIZONTE

F Objetivo

Compreender a linha do horizonte como elemento estrutural do desenho de paisagem (mesmo quando ausente), através da observação das paisagens de Guignard e da produção de paisagens.

F Conteúdos gerais (com referência nos PCNs de Arte)

w Observação, análise, utilização dos elementos da linguagem visual e suas articulações nas imagens produzidas.

w Identificação de múltiplos sentidos na apreciação de imagens.

F Conteúdos do projeto

w Paisagem.

w Linha do horizonte.

w Vida e obra de Guignard.

F Trabalho interdisciplinar: Geografia.

ATIVIDADE PARA ANTES DA LEITURA

F Sensibilizando os alunos

Para que os alunos compreendam a linha do horizonte nas obras de Guignard, antes mesmo da leitura do livro, o professor pode propor um exercício de observação.

Oriente os alunos a observarem — preferencialmente no lugar mais alto da escola — a linha do horizonte através de um visor (pode ser uma janela pequena no centro de uma folha sulfite).

Durante a observação, o professor pode chamar a atenção quanto a alguns aspectos: se a escola estiver localizada em uma grande cidade, a linha do horizonte não será

reta, mas terá o contorno dos prédios; se o lugar for montanhoso a linha do horizonte terá o contorno das montanhas.

Peça que observem como a linha do horizonte está sempre na altura dos nossos olhos.

De volta à sala de aula, peça aos alunos que pensem e respondam: Onde vemos a linha do horizonte reta?

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

F Orientações para ler o livro em sala de aula

Após a leitura peça aos alunos que observem todas as pinturas de paisagens que foram reproduzidas no livro. A partir dessas imagens, você pode sugerir a construção de um poema sobre o tema: As paisagens pintadas por Guignard.

Se julgar importante, releia com os alunos os poemas que aparecem no livro (páginas 30, 31 e 32).

F Roteiro de apreciação da obra reproduzida no livro: Paisagem imaginante (página 22)

Proponha uma discussão entre os alunos, estimulando a leitura da obra a partir de algumas questões:

w O que você está vendo?

w Como é esse lugar?

w Parece uma cidade pequena ou grande?

w Quais as características dessa cidade? Há ruas, casas?

w O que parece estar mais distante?

w De que ângulo parece que estamos olhando as casas? De frente? De cima?

w Que momento do dia parece ter sido re-
presentado?

w Como está o tempo?

w Como está o céu?

w Vemos nuvens? Parece ter vento?

w Onde está a linha do horizonte?

w Qual foi o ponto de vista do pintor?

w Você acha que ele pintou de imagina-
ção a sua *Paisagem imaginante*?

w Essa cidade parece com alguma cidade
que você já visitou, viu em fotos, na TV?

w Se Guignard tivesse pintado baseando-
se em observação, de que ponto teria visto
essa paisagem?

w O que parece estar mais próximo do ob-
servador?

w Compare essa pintura com a *Paisagem
imaginante* da página 29 e a *Paisagem
imaginante* da página 30. O que elas possu-
em em comum?

F Contextualização (veja quadro na página 7
deste suplemento)

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

F Produção

Retome com os alunos as questões levan-
tadas sobre a linha do horizonte na ativida-
de feita antes da leitura. Escreva para eles a
definição de linha do horizonte na pintura:

“Em pintura ou em outra composição em
duas dimensões, diz-se de uma linha hori-

zontal, real ou imaginária, que indica o pon-
to de vista do artista em relação à imagem,
e sendo nela que se localiza o ponto de
fuga” (Marcondes, 1998: 174).

Proponha que construam várias paisagens,
experimentando colocar a linha do horizon-
te em diferentes posições da folha: na parte
inferior, na superior, no meio ou mesmo sem
a linha. Deixe os alunos escolherem se prefe-
rem fazer uma paisagem imaginária, de ob-
servação ou memória (ou se querem utilizar
esses recursos simultaneamente).

Depois de concluídos, os desenhos podem
ser analisados pelo grupo:

w Que sensação temos quando a linha do
horizonte aparece na parte superior ou in-
ferior da pintura?

w Quais os desenhos que parecem mostrar
uma visão aérea?

Após as análises, peça aos alunos que es-
colham a paisagem de que mais gostaram
para fazer uma pintura a partir dela.

F Avaliação

As pinturas podem ser expostas em al-
gum espaço visível da escola, no saguão, no
corredor, em um lugar onde circule um
grande número de pessoas. Os alunos po-
dem fazer monitoria da exposição para os
alunos menores. Que impacto as paisagens
produzidas podem causar em quem as ob-
serva? Essa experiência de levar outros alu-
nos para olhar a produção pode ser discuti-
da na sala de aula.

CONTEXTUALIZAÇÃO: GUIGNARD, UM PINTOR MODERNO

Guignard afirmava ser um pintor moderno. E isso deve ser levado em consideração, pois, se suas obras não expressam ou demonstram uma influência direta do cubismo, do expressionismo ou de nenhum outro movimento, elas são uma mescla de todos eles. Afinal Guignard aprendeu pintura na Europa, onde conheceu de perto a pintura moderna. Talvez o surrealismo tenha sido sua maior influência, mas não foi a única.

Após a Semana de Arte Moderna de 1922, surgiram vários grupos de artistas, que pregavam as idéias da arte moderna, fora do eixo São Paulo—Rio. Guignard foi um dos líderes de um desses grupos:

“O primeiro ponto de alcance dessa onda é liderado por Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), que, a partir dos anos 30, se volta para uma pintura lírica,

regional e popular. Já atuara no Grupo Nova Flor do Abacate, no Rio de Janeiro, orientando artistas em 1943. A única mostra desse grupo fora desmontada à força, com obras danificadas pelos alunos alinhados na ortodoxia conservadora da Escola Nacional de Belas-Artes. A convite do jovem prefeito de Belo Horizonte, segundo sua política de renovação cultural e de introdução do Modernismo em Minas Gerais, Guignard dirige a Escola de Belas Artes, instalando em Belo Horizonte a escola/ateliê que terá seu nome, quando de sua morte em 1962. Na verdade, mestre sensível e competente, ele desencadeou o Modernismo na pintura com grande empenho, realizando no mesmo ano de sua fixação na cidade mineira a I Exposição de Arte Moderna, que reuniu modernistas do Rio e de São Paulo” (Pecinini, 2000: 63).

PARA SABER MAIS

Amilcar de Castro (1920-2002) Escultor brasileiro, também produziu desenhos e gravuras discutindo os espaços vazios e cheios da forma.

Botticelli (1444/5-1510) Um dos mais apreciados pintores do quatrocentos.

Dufy (1877-1953) Pintor e *designer* francês, produziu obras impressionistas e fauvistas.

Goya (1746-1828) Gravador e pintor espanhol, produziu muitas águas-fortes e retratos.

Leonardo da Vinci (1452-1519) Artista da Renascença, principiou os estudos sobre a perspectiva e o funcionamento da visão, entre outros.

Matisse (1869-1954) Pintor e escultor francês, também produziu muitas colagens com características fauvistas.

Michelangelo (1475-1564) Escultor, arquiteto e pintor da Renascença.

Rembrandt (1606-69) Pintor e gravador holandês, com tendência ao Barroco; suas obras possuem um refinado tratamento da luz.

Salvador Dalí (1904-1989) Pintor, escultor, *designer* e artista gráfico surrealista.

Surrealismo Movimento da literatura e artes plásticas idealizado pelo francês André Breton, tendo como principal característica o pensamento sem controle da razão e adição do sonho a realidade.

Tintoretto (1518-1594) Jacopo Robusti, pintor veneziano que realizou obras de arte para muitas igrejas.

Tiziano (1485-1576) Pintor renascentista da escola veneziana, influenciou muitos artistas posteriores.

Van Gogh (1853-1890) Pintor holandês pós-impressionista, retratou trabalhadores e camponeses.

Ligia Clark (1920-1988) Artista que participou do Grupo Neoconcreto e da exposição Opinião 66. Dedicou-se à produção de obras interativas e ao estudo das possibilidades terapêuticas da arte.

BIBLIOGRAFIA

Guignard

MORAIS, F. *Panorama das artes plásticas séculos XIX e XX*. São Paulo: Instituto Cultural Itaú, 1989.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *22 e a idéia do Moderno* (catálogo da exposição realizada entre 18 de fevereiro e 30 de junho de 2002).

PECININI, D. *Pintura no Brasil: um olhar sobre o século XX*. São Paulo: Nobel, 2000.

PROENÇA, G. *História da Arte*. São Paulo: Ática, 1995.

ZANINI, W. *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walter Moreira Salles e Fundação Djalma Guimarães, 1983. v. 1 e 2.

Arte-educação

ARGAN, G. C. *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BARBOSA, A. M. *Arte-educação: conflitos / acertos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.

_____. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo / Porto Alegre: Perspectiva / Fundação Iochpe, 1981.

_____. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*. São Paulo: Edusp, 1992.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARTINS, M. C. et alii. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo — Poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

PARSONS, M. J. *Compreender a arte*. 1. ed. Lisboa: Presença, 1992.

ROSSI, M. H. W. A compreensão das imagens da arte. *Arte & Educação em revista*. Porto Alegre: UFRGS / Iochpe. I: 27-35, out. 1995.

DICIONÁRIOS

DICIONÁRIO DA PINTURA MODERNA. São Paulo: Hemus, 1981.

DICIONÁRIO OXFORD DE ARTE. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCONDES, Luís Fernando (org.). *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1998.

READ, Herbert (org.). *Dicionário da arte e dos artistas*. Lisboa: Edições 70, 1989.

ENCICLOPÉDIA

ENCICLOPÉDIA DOS MUSEUS, Museu de Arte de São Paulo, São Paulo: Melhoramentos, 1978.